



## INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DE TELICIDADE EM PB: UMA COMPARAÇÃO ENTRE ‘PARA’ E ‘ATÉ’

### INVESTIGATING THE CONSTRUCTION OF TELICITY IN BrP A COMPARISON BETWEEN ‘TOWARDS’ AND ‘UP TO’

THAYSE LETÍCIA FERREIRA<sup>1</sup>

**RESUMO:** neste trabalho, investigamos o papel das preposições ‘para’ e ‘até’ na construção de telicidade em português brasileiro (PB), em sentenças como “Ana correu até a farmácia”. Para Nam (2004) e Filip (2004), qualquer preposição que indique o ponto final de uma trajetória (o alvo do movimento) é capaz de inserir a noção de telicidade na estrutura do evento, no entanto, os dados do PB não parecem sustentar essa hipótese. Assim, para compreender como ‘para’ e ‘até’ atuam no licenciamento de telicidade para eventos classificados tipicamente como atéticos (atividades e semelfactivos), exploramos o comportamento semântico desses itens e discutimos o que se entende por telicidade na literatura. Demonstraremos que ‘para’ e ‘até’ apresentam propriedades distintas, tais como transição, delimitação e cumulatividade e é a interação dessas propriedades no cálculo entre o VP e o PP o que faz um evento ser classificado como tético quando esses itens estão presentes na estrutura. Além disso, discutimos o funcionamento de ‘para’ e ‘até’ em contextos não espaciais, para demonstrar que embora limite seja uma noção fundamental na classificação dessas preposições, essa propriedade não equivale ao conceito de telicidade, conforme se assume na literatura (Jackendoff, 2010).

**Palavras-chave:** preposições de trajetória; semântica de eventos; telicidade.

**ABSTRACT:** in this paper, we investigate the role of the prepositions ‘para’ (towards) and ‘até’ (to) in the construction of telicity in Brazilian Portuguese, in sentences like “Ana run to the pharmacy”. According to Nam (2004) and Filip (2004), any preposition that indicates the final point of a path (the movement’s goal) is able to insert telicity in the event structure, however the BrP data do not seem to sustain this hypothesis. Thus, in order to figure out how ‘para’ and ‘até’ act on the licensing of telicity to events typically classified as atelic (activities and semelfactives), we explore the semantic behavior of these items and discuss what the literature recognizes as telicity. We will demonstrate that ‘para’ and ‘até’ carry distinct properties, such as transition, delimitation and cumulativity, and it is the interaction of these properties in the algebra between the VP and the PP what makes an event to be classified as telic when these items are present in the structure. In addition, we discuss the behavior of ‘para’ and ‘até’ in non-spatial contexts, to demonstrate that although bound is a fundamental concept in the classification of these prepositions, this property is not equivalent to the concept of telicity, as it is assumed in the literature (Jackendoff, 2010).

**Keywords:** path prepositions; event-based semantics; telicity.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos, PG-UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. tleticiaf@gmail.com.  
A autora agradece à CAPES pelo apoio (processo 88882.426850/2019-01).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0533-0618>.

## INTRODUÇÃO

A relação entre os domínios verbal e preposicional tem sido um tema constante nos estudos em semântica formal das línguas naturais (Dowty, 1979; Nam, 2004; Zwarts, 2005; Gehrke, 2008; Ramchand, 2017); tal fato se justifica à medida que certos sintagmas preposicionais (PP) parecem poder detectar e alterar propriedades dos eventos denotados pelo sintagma verbal (VP). Neste trabalho, objetivamos investigar a construção de uma propriedade característica do domínio dos eventos que parece poder ser introduzida na sentença por elementos externos ao sintagma verbal. Notadamente, trataremos da construção de telicidade em português brasileiro (PB), tendo como foco a relação entre as preposições ‘até’ e ‘para’ e a estrutura do VP, exemplificada por sentenças como as apresentadas em (1) e (2) abaixo.

- |                                 |                             |
|---------------------------------|-----------------------------|
| (1) a. Pedro correu.            | (2) a. Joana pulou.         |
| b. Pedro correu para a padaria. | b. Joana pulou para a sala. |
| c. Pedro correu até a padaria.  | c. Joana pulou até a sala.  |

Na literatura, assume-se que qualquer preposição que indique o ponto final de uma trajetória (alvo) é capaz de introduzir a noção de telicidade na estrutura (Nam, 2004; Filip, 2004), transformando um evento atélico em télico; isso ocorre basicamente porque essa propriedade é definida como um fim ou um limite intrínseco a ser atingido, sem o qual não é possível caracterizar o evento enquanto tal (Comrie, 1976). O que se tem, portanto, é uma comparação entre domínios que permite aproximar as noções ou, ainda, reduzir uma a outra, compreendendo telicidade enquanto um alvo que, quando alcançado, garante a finalização do evento. Neste trabalho, vamos defender a ideia de que essa generalização, embora desejável – pois permite uma simplificação do sistema, não pode ser sustentada pelos dados do PB.

Para investigarmos o papel das preposições ‘para’ e ‘até’ na construção de telicidade, discutimos, primeiramente, a estrutura e o funcionamento das preposições ‘para’ e ‘até’, propondo uma distinção entre esses dois itens com base em seu comportamento semântico. Na seção 2, apresentamos o arcabouço teórico a ser utilizado e tratamos da natureza da noção de telicidade, explorando os testes que permitem detectar essa propriedade nas sentenças e alguns dos conceitos que norteiam sua definição, tais como cumulatividade e quantização. Na seção 3, analisamos as relações entre as preposições de alvo ‘para’ e ‘até’ e a estrutura do VP. Demonstraremos que embora ‘até’ em geral mapeie eventos atélicos, por ser uma preposição de transição limitada [bound], é a propriedade da não-cumulatividade que parece atuar na construção de telicidade.

Seguindo a discussão, buscaremos, por fim, desassociar as noções de telicidade e limite, explorando para tanto alguns usos não espaciais de ‘para’ e ‘até’; demonstraremos que o traço de limite persiste nos usos não espaciais de ‘até’, podendo atuar em um grau máximo ou mínimo de uma escala, ao passo que telicidade necessariamente está associada homomorficamente a um grau máximo.

Com isso, buscaremos argumentar que o traço de limite [bound] presente em ‘até’ não pode ser equivalente à noção de telicidade, por mais que ambos exibam características em comum. Na seção 4, delineamos as considerações finais do artigo, apontando os problemas em aberto e algumas das contribuições do texto para os estudos sobre telicidade e a arquitetura do VP e do PP.

## 1. CARACTERÍSTICAS SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DE ‘PARA’ E ‘ATÉ’

Na literatura, assume-se que ‘para’ e ‘até’ são as preposições do PB que, junto a ‘a’, indicam o alvo de uma trajetória em um evento de movimento (Ilari *et. al.*, 2014)<sup>2</sup>; no entanto, para além dessa informação, pouco se fala a respeito dos contextos sintáticos nos quais essas preposições aparecem e, menos ainda, se discute as possíveis interpretações desses itens.

Segundo Ferreira e Basso (2019), embora ‘para’ e ‘até’ sejam ambas preposições direcionadas para o ponto final de uma trajetória, podemos observar algumas diferenças em seus usos que apontam para uma interpretação semântica distinta para cada um desses itens. Trabalhando com base em pressupostos da Semântica Formal (Zwarts, 2005) e da Nanossintaxe (Pantcheva, 2011), os autores propõem que ‘para’ seja uma preposição que indica apenas uma aproximação em relação ao alvo, ao passo que ‘até’ veicula que o indivíduo em locomoção termina o movimento em direção ao alvo exatamente no ponto em que este se inicia. Para desenvolvermos essa ideia, tomemos as sentenças abaixo.

- (3) a. Ana foi para o trabalho.                      (4) a. João correu para o trabalho.  
b. Ana foi até o trabalho.                      b. João correu até o trabalho.

Nesses exemplos, a preposição ‘até’ parece garantir que ao final do evento o sujeito, denominado FIGURA, atinge ‘o trabalho’, que é o ponto de referência do movimento, denominado FUNDO (Jackendoff, 1983). A preposição ‘para’, por outro lado, sugere uma direção a ser seguida, sem a exigência de que a FIGURA alcance o alvo quando o movimento se encerra. Para comprovar essa intuição, podemos utilizar um teste que verifica o acarretamento do alvo: caso a preposição exija que esse ponto da trajetória seja atingido, ou seja, acarrete o alvo, não deve ser possível cancelar o alcance dessa parte da trajetória sem gerar uma contradição. Conforme as sentenças abaixo evidenciam, ‘para’ pode ser utilizado em situações que não garantem o alcance do alvo, já o mesmo não ocorre com ‘até’.

- (5) Ana foi para o trabalho, mas não chegou lá, o carro estragou no meio do caminho.  
(6) #Ana foi até o trabalho, mas não chegou lá, o carro estragou no meio do caminho.

---

<sup>2</sup> A preposição ‘em’ é também sistematicamente associada à noção de alvo, porém, seguindo Rammé (2017) e Ferreira e Basso (2019), assumimos neste trabalho que a interpretação direcional de ‘em’ é um falso sincretismo, pois só ocorre em contextos nos quais o verbo já trata de um movimento direcionado para um alvo.

A sentença em (5) reporta uma situação possível (i.e., não contraditória), e isso ocorre porque ‘para’ não acarreta o alcance do alvo, sendo apenas orientado em sua direção, de um modo próximo ao PP “em direção a”. Ou seja, para que a sentença “Ana foi para o trabalho” seja verdadeira, não há a necessidade de que a FIGURA tenha atingido o FUNDO, basta que o movimento tenha sido iniciado em direção a esse ponto de referência. É interessante observar que essa característica de ‘para’ licencia inclusive um efeito humorístico para uma situação na qual seria esperado que a FIGURA atingisse o alvo ao final do movimento. Podemos ilustrar isso com o seguinte diálogo, entre uma mãe e um filho (M e F, respectivamente), considerando que a criança faltou à aula.

(7) M: Você foi para a escola hoje?

F: Sim.

M: Mas a diretora ligou aqui e disse que você não foi.

F: Eu disse que fui para a escola, só não disse que cheguei lá.

Esse cenário não poderia gerar o mesmo efeito caso ‘para’ fosse substituído por ‘até’. No exemplo em (6) temos um estranhamento pragmático, pois não é possível que alguém vá até algum lugar, mas não chegue nesse destino, logo, negar o alcance do alvo com ‘até’ gera uma contradição, o que indica que ‘até’ estabelece uma relação diferente com o FUNDO, mais específica, e o inclui em sua denotação, exigindo seu alcance. Outro contexto que nos permite observar que ‘para’ apenas indica uma direção, ao contrário de ‘até’, que acarreta o alvo, é o seguinte:

(8) Em qual direção a Maria correu?

a. Para a farmácia.

b. #até a farmácia.

(9) a. Ande para o horizonte.

b. \*Ande até o horizonte.

Esses exemplos demonstram que somente a preposição ‘para’ pode ser utilizada em um contexto no qual o alvo não deve ser alcançado, indicando apenas uma orientação para o movimento. Portanto, as estruturas em (8b) e (9b) não são boas porque ‘até’ não pode encabeçar um PP que apenas veicule uma direção a ser seguida, dado que, por hipótese, essa preposição exige o alcance do ponto final da trajetória para que a relação de localização seja valorada como verdadeira. Tomando essa distinção, é importante notar que, por mais que ‘até’ exija o alcance do FUNDO, há um contexto que demonstra que essa preposição permite que se atinja um determinado espaço sem, no entanto, adentrá-lo:

(10) Joana foi até a farmácia, mas não entrou lá.

(11) A criança foi até a escola, mas só até o portão.

(12) Ana correu até o mercado, mas ele estava fechado.

As sentenças acima ilustram que não é contraditório afirmar que alguém foi ‘até DP’, mas não entrou no espaço que configura o interior desse FUNDO. O componente adversativo dessas sentenças, portanto, demonstra que ‘até’ exige o

alcance do alvo pela FIGURA, mas não a relaciona ao espaço interno do FUNDO. Com isso, isolamos duas propriedades que individualizam ‘para’ e ‘até’: o alcance do alvo e o contato com o FUNDO, ambos exigidos para ‘até’ e ausentes em ‘para’, dado que esta é uma preposição que indica uma direção. Para compreendermos essa distinção entre ‘para’ e ‘até’ podemos mobilizar as propriedades transição e delimitação sugeridas na literatura (Pantcheva, 2011), uma vez que parecem interferir no comportamento das preposições espaciais.

*Grosso modo*, uma preposição transicional expressa que a FIGURA muda de domínio espacial durante o movimento, passando de um domínio A para um domínio complementar  $\bar{A}$  ( $A \rightarrow \bar{A}$ ), já uma preposição não-transicional expressa que o movimento da FIGURA acontece todo em uma única fase, um mesmo espaço – uma mesma sequência contígua de pontos. Nesse sentido, ‘para’ se comporta como uma preposição não-transicional, pois não exige que a FIGURA mude de fase<sup>3</sup>, atingindo o alvo, e ‘até’ se comporta como uma preposição transicional, posto que garante a mudança de um domínio exterior ao FUNDO para outro que tem início exatamente no ponto em que o espaço do alvo é delimitado. Essa propriedade explica, nesse sentido, porque ‘para’ pode ser utilizada em contextos em que o alvo nunca deve ser atingido ou nunca pode ser alcançado (como ‘horizonte’ em (9)) e porque não é possível cancelar o alcance do alvo com ‘até’, conforme discutimos com o exemplo (6).

Resta, agora, entender qual propriedade estaria associada à relação específica que ‘até’ estabelece com o FUNDO, o que permite a construção de sentenças como “o cachorro rolou até o rio, mas não caiu lá dentro” e as apresentadas de (10) a (12). Para Jackendoff (1983, 2010) e Pantcheva (2011), a propriedade de limite [bound] seria responsável por garantir que há exatamente um único ponto no FUNDO no qual a localização estabelecida pela preposição é verdadeira. Preposições limitadas, então, fazem referência a um limite máximo para a extensão da trajetória, para além do qual o que se obtém é uma relação de continência entre FIGURA e FUNDO – i.e., a FIGURA está dentro do FUNDO. Com base nessas duas propriedades, transição e limite, Pantcheva (2011) propõe uma tipologia de três classes para as preposições de alvo: preposições terminativas [+transição, +limite], preposições cofinais [+transição, -limite] e preposições aproximativas [-transição, -limite].

Tomando os dados discutidos até o momento, podemos classificar ‘para’ como uma preposição aproximativa, pois não envolve transição, e ‘até’ como uma preposição terminativa, pois envolve transição, mas não exige que a FIGURA esteja dentro do alvo ao final do movimento. Ou seja, ‘até’ indica que há exatamente um ponto do alvo no qual a relação entre FIGURA e FUNDO é verdadeira, o que a caracteriza como uma preposição limitada. Com base nisso, podemos formular as seguintes representações para a interpretação semântica dessas preposições, tendo como base o trabalho de Zwarts (2005, 2008).

---

<sup>3</sup> É importante destacar que ‘para’ não exige que o alvo seja atingido, mas com isso não descartamos essa possibilidade, que pode ser alcançada por implicatura ou pela manipulação semântica das propriedades que a preposição carrega.

- (13) [[para]] = [p: há um subintervalo próprio I de [0,1] que inclui 1 e consiste em todos os índices  $i, j \in (0,1]$  para os quais se  $p(i)$  é anterior a  $p(j)$ , então  $p(j)$  está mais próximo do ALVO do que  $p(i)$ , e potencialmente  $p(j)=p(1)$ }]
- (14) [[até]] = [p: há um subintervalo próprio I de [0,1] que inclui 1 e consiste em um único ponto  $p(i)$  no qual a FIGURA está em  $p(1)$ ]

Uma evidência de que ‘até’ é realmente uma preposição limitada, e, por isso, estabelece um único ponto do FUNDO para a localização, pode ser dada pelo teste de escopo do advérbio ‘quase’. Segundo Winter (2006), quando ‘quase’ é combinado a uma estrutura limitada, de escala fechada, o que se obtém são duas leituras para a sentença, uma em que o evento nem ao menos teve início (contrafactual) e outra em que o evento foi iniciado, mas não atingiu seu fim (escalar) – algo próximo ao que acontece com a estrutura dos *accomplishments* (Dowty, 1979). Conforme é possível observar nas sentenças abaixo, quando combinamos esse advérbio às preposições ‘para’ e ‘até’ obtemos a ambiguidade entre uma leitura contrafactual e outra escalar apenas com ‘até’, o que atesta a ideia de que essa preposição é limitada, incluindo um único ponto do alvo como relevante para a interpretação.

- (15) Pedro quase foi para o trabalho. [contrafactual]  
 (16) Pedro quase foi até o trabalho. [contrafactual/escalar]

Em (15), a única leitura disponível é a de que Pedro teve a intenção de ir para o trabalho, mas não chegou a iniciar o percurso; em (16), além de obtermos essa interpretação, compreendemos também que Pedro iniciou a trajetória que tinha o DP ‘o trabalho’ como alvo, mas não a percorreu até o seu limite. Com base nisso, podemos elaborar uma síntese da discussão desenvolvida até o momento: observamos que embora ‘para’ e ‘até’ sejam ambas preposições orientadas para o alvo de uma trajetória, os testes de acarretamento do alcance do alvo e de escopo do advérbio ‘quase’ comprovam que há diferenças semânticas relevantes nos usos dessas preposições, associadas, consoante a proposta de Pantcheva (2011), às propriedades de transição e limite. Antes de observarmos a interação dessas preposições com o VP para investigarmos a construção de telicidade em PB, trataremos, na próxima seção, da natureza da noção de telicidade.

## 2. SOBRE A NOÇÃO DE TELICIDADE

Muitas são as definições de telicidade propostas na literatura (Verkyul, 1972; Dowty, 1979; Krifka, 1998; Kearns, 2007; Rothstein, 2004, 2008). Apesar da diversidade encontrada, é possível detectar uma unidade nessas definições, conforme observa Basso (2007), haja vista que algumas premissas se repetem entre elas, dentre as quais destacamos as seguintes: (a) telicidade diz respeito a um ponto final inerente (previsível) de certos eventos; (b) o evento só é considerado completo quando alcança esse ponto final; (c) o evento não pode ter continuidade

para além desse ponto; e (d) eventos télicos possuem fases distintas, partes mínimas que os constituem, e que não equivalem ao evento em si, isto é, não são homogêneos.

Para além disso, telicidade é notadamente caracterizada como uma propriedade do domínio dos eventos, que é codificado na estrutura do VP, composicionalmente, e não simplesmente no léxico verbal (Verkuyl, 2003; Ramchand, 2017); essa propriedade é construída, portanto, pela soma de diversos elementos presentes na sentença e depende, sobretudo, da natureza dos argumentos que complementam o verbo e de PPs e outros adjuntos que marcam de algum modo a ideia de culminância (Wachowicz, 2008). Para compreendermos essas definições sobre o que devemos entender como telicidade, tomemos os seguintes exemplos.

(17) a. Ana comeu um sanduíche.  
b. Ana comeu sanduíches.

(18) a. Joana correu a maratona.  
b. Joana correu.

Em (17a) temos um evento télico, pois ‘comer um sanduíche’ envolve um limite intrínseco, ligado à extensão do objeto, ou seja, se Ana deu apenas uma mordida no sanduíche, isso não pode ser equivalente ao evento de ‘comer um sanduíche’, o que demonstra que as partes mínimas que constituem o evento não equivalem ao todo, não há homogeneidade<sup>4</sup>. Desse modo, para que (17a) seja uma sentença verdadeira, é necessário que o sujeito consuma todo o objeto. De um modo similar, (18a) também é uma sentença télica, pois o DP ‘a maratona’ dá uma extensão para o evento, que deve ser percorrida até seu limite, caso contrário, ‘correr a maratona’ não pode ser qualificado enquanto tal. Ou seja, se Joana correu apenas 30 quilômetros dos 42 previstos pela extensão do nome ‘maratona’, podemos dizer que ela correu, mas não que ‘correu uma maratona’; assim, para que esse evento seja verdadeiro, é preciso que o sujeito atinja o ponto final definido pelo objeto do verbo, entendido como um objetivo a ser cumprido (Smith, 1991).

As sentenças (17b) “Ana comeu sanduíches” e (18b) “Ana correu”, por outro lado, não denotam eventos télicos, posto que não há nenhum elemento nessas estruturas que assegure um ponto final para o desenrolar do evento. Em (17b), o argumento ‘sanduíches’ aparece como um plural nu, sem marca de definitude, e não há uma quantidade de sanduíches especificada pelo objeto direto do verbo. Nesse contexto, é possível acrescentar uma quantidade indefinida de itens à descrição do evento e obter como resultado a mesma denotação, isto é, ‘comer sanduíches’. O caso de ‘correr’ em (18b) não envolve a definitude do objeto direto, pois o verbo é apresentado como um predicado monoargumental. Nesse caso, a ausência de um ponto final está associada, portanto, à própria natureza do evento: uma atividade de ‘correr’ é homogênea, dado que qualquer parte própria de ‘correr’ é também descrita como ‘correr’, e pode se estender indefinidamente, sem uma meta (Krifka, 1998; Rothstein 2004).

---

<sup>4</sup> Homogeneidade vem sendo tratada até o momento de um modo bastante informal, no entanto, é uma propriedade central em algumas propostas. Se um predicado P é homogêneo, então as partes próprias de P estão também na denotação de P.

Os problemas linguístico-filosóficos que envolvem a noção de telicidade são muito mais complexos do que discutimos aqui (cf. Basso, 2007, p. 114-5). É uma tarefa bastante complicada determinar, por exemplo, o que conta como o limite/a meta de um processo ou então o que pode ser entendido como uma parte própria e mínima de um evento. Por conta disso, assume-se na literatura que a (a)telicidade deva ser identificada por meio do comportamento do evento denotado pelo VP frente a dois testes linguísticos principais (Kearns, 2007; Rothstein, 2008): a possibilidade de coocorrência com sintagmas de medida que capturam o tempo transcorrido até a culminância do evento (i.e., o momento em que o evento atinge seu limite e é finalizado) e a possibilidade de o evento veiculado no progressivo acarretar sua completude (cf. Dowty, 1979; Rothstein, 2004; Wachowicz, 2008). Com os exemplos abaixo, discutimos o primeiro deles, relacionado ao adjunto ‘em x tempo’, capaz de medir a duração do evento até o alcance do *telos*.

(19) Joana construiu a casa em dois anos.

(20) Joana encontrou as chaves em dez minutos.

De acordo com a tradição vendleriana, nos exemplos acima temos eventos télicos durativos e pontuais, respectivamente. Em (19), há uma estrutura *accomplishment*, dado que ‘construir uma casa’ apresenta um final intrínseco, e tem extensão temporal [+durativo], e em (20) há uma *achievement*, que também exige o alcance de um ponto final, mas não tem duração no tempo [-durativo], sendo pontual. O adjunto ‘em dois anos’ mede o tempo transcorrido até o alcance do *telos* de ‘construir uma casa’, ou seja, o sintagma de medida indica o tempo que demorou para que Joana finalizasse a construção da casa.

Em (20), o efeito de composição do adjunto ‘em dez minutos’ com o VP ‘encontrar as chaves’ é um tanto distinto, pois, ainda que o evento seja télico, ele não é durativo, conseqüentemente, o adjunto só pode medir o tempo transcorrido anteriormente ao evento acontecer. Ou seja, a interpretação disponível para (20) é a de que “Joana encontrou as chaves dez minutos depois de ter começado a procurá-las”. Segundo Kearns (2007, p. 33), a combinação de um adjunto de medida temporal a um evento télico durativo gera uma leitura de duração do evento como um todo até sua completude; já a combinação desse mesmo tipo de adjunto com um evento télico pontual gera uma interpretação de ‘atraso’ do evento, marcando o tempo anterior ao seu início.

Essa leitura de ‘atraso’ do evento é relevante também quando ‘em x tempo’ é inserido em uma estrutura atélica; nesse caso, segundo Basso (2011) e Basso e Bergamini-Perez (2017), o adjunto mede apenas o tempo transcorrido antes de o evento ter início e incide simplesmente sobre o ponto inicial do evento, que não coincide com seu término, uma vez que para eventos atélicos não há uma meta prevista que qualifica o evento enquanto tal. Desse modo, em uma sentença como “Pedro dormiu em duas horas”, o adjunto ‘em duas horas’ marca o tempo que levou para “Pedro começar a dormir”, mas não mede o tempo que “Pedro passou dormindo”. Essa leitura, denominada incoativa por Basso e Bergamini-Perez (2017), é a única esperada para a combinação de um evento atélico com



o adjunto ‘em x tempo’. Tendo isso em vista, passemos, agora, ao segundo teste sugerido na literatura para a detecção de telicidade, isto é, a possibilidade de o evento veiculado no progressivo acarretar sua completude.

- (21) Pedro estava comendo um sanduíche  $\neq$  Pedro comeu um sanduíche.  
 (22) Ana estava alcançando o pico da montanha  $\neq$  Ana alcançou o pico da montanha.  
 (23) Pedro estava correndo  $\models$  Pedro correu.  
 (24) Ana estava tossindo  $\models$  Ana tossiu.

Esse teste gera, para eventos télicos, o chamado paradoxo do imperfectivo  $\square$ , pois ao veicularmos um evento télico no progressivo excluímos precisamente seu ponto final, desse modo, não temos como saber se seu *telos* será atingido ou não (Dowty, 1979). Eventos atélicos, pelo contrário, não geram o paradoxo, pois são homogêneos. Esse contraste pode ser observado nas sentenças acima, em que apenas os eventos de atividade (23) e semelfactivos (24) acarretam a verdade da sentença no passado progressivo.

Para além desses testes, que permitem detectar telicidade, assume-se também na literatura algumas propriedades que são fundamentais para caracterizar essa noção. Nos exemplos discutidos, observamos que a estrutura do DP que complementa os verbos é importante para a construção de eventos télicos, afinal, ‘comer um sanduíche’ descreve um evento télico, ao passo que ‘comer sanduíches’ descreve um evento atélico, do mesmo modo que ‘desenhar um círculo’ apresenta um fim intrínseco, ao passo que ‘desenhar quadrinho’ não. Depois do trabalho seminal de Krifka (1998), que oferece uma proposta algébrica para a construção de telicidade, baseada em uma relação mereológica de ‘parte-de’, duas propriedades são constantes na definição de telicidade: cumulatividade e quantização.

A primeira propriedade, cumulatividade, tem origem na investigação de Link (1983) sobre o domínio nominal. A ideia básica é que os diferentes domínios linguísticos são estruturados como um semi-reticulado, uma estrutura algébrica constituída por elementos mínimos, átomos, e pelas possíveis combinações desses átomos. Assim, se é possível fazer referência a partes atômicas de uma dada estrutura com a mesma expressão utilizada para designar o todo, a composição entre essas partes, então estamos diante de uma estrutura cumulativa. Em outras palavras, se um predicado se aplica a dois elementos *a* e *b* e pode ser aplicado também à soma mereológica desses elementos ( $a \oplus b$ ), temos um predicado cumulativo. Por exemplo, o predicado ‘areia’ pode se aplicar a duas porções diferentes de areia e à soma dessas porções, gerando o mesmo resultado, i.e., areia. Um predicado é, assim, cumulativo se licencia referência cumulativa. No nível do VP, a definição se mantém e é formalizada por Krifka (1998, p. 200) do seguinte modo:

$$(25) \forall X \subseteq U_p [CUM_p(X) \leftrightarrow \exists x,y[X(x) \ \& \ X(y) \ \& \ \neg x=y] \ \& \ \forall x,y[X(x) \ \& \ X(y) \rightarrow X(x \oplus y)]]$$

Em prosa, (25) estabelece que para todo predicado *X* que está contido no universo de predicados do modelo  $U_p$ , esse predicado é cumulativo ( $CUM_p$ ) se

e somente se se aplica a dois indivíduos distintos  $(x,y)$  e, para todo indivíduo  $x$  e  $y$ , se essa propriedade se aplica a cada indivíduo, então ela se aplica também à sua soma mereológica. Considerando que eventos são entidades do tipo  $e$ , eventos cumulativos seriam aqueles que permitem que a mesma descrição seja aplicada a dois eventos distintos  $(e_1, e_2)$  e também à sua soma mereológica. Nesse sentido, apenas eventos atéticos seriam caracterizados pela cumulatividade, pois permitem que a soma de duas ocorrências seja descrita pelo mesmo predicado que referencia os eventos individualmente. As sentenças em (26) abaixo ilustram essa propriedade. Localizando os eventos temporalmente, ‘o correr de Pedro’ na semana passada pode envolver diferentes eventos de corrida  $(e_1, e_2, e_3)$  que, quando somados  $(e_1 \oplus e_2 \oplus e_3)$ , continuam sob a denotação do VP, assim como ocorre em ‘o tossir de Ana’, pois esse evento pode ser composto por diferentes eventos de ‘tossir’ que não necessariamente precisam ser adjacentes.

- (26) a. Pedro correu semana passada.  
 b. Ana tossiu no mês passado.  
 (27) Pedro correu uma maratona semana passada.

Note-se que uma descrição tética de ‘correr’, como em (27), por exemplo, não seria cumulativa, dado que a soma de ‘correr uma maratona’ com ‘correr uma maratona’ tem como resultado ‘correr duas maratonas’ e não ‘correr uma maratona’, ou seja, a soma dos eventos não resulta em um evento da mesma natureza. Isso ocorre porque o DP que complementa o verbo nesse caso apresenta outra propriedade, a quantização. Segundo Krifka (1998), a quantização diz respeito à natureza das partes que constituem os itens descritos por um dado predicado. *Grosso modo*, se um predicado é quantizado não é possível fazer referência a suas partes com a mesma expressão utilizada para designar o todo. Tomando como exemplo novamente o nome ‘maratona’, sabemos que não podemos referenciar uma corrida de dois quilômetros por esse predicado, por mais que para correr uma maratona seja necessário correr dois quilômetros. Formalmente, então, um predicado é quantizado se ele se aplica a um indivíduo  $x$ , mas não a qualquer parte própria de  $x$ .

$$(28) \forall X \subseteq U_p [\text{QUA}_p(X) \leftrightarrow \forall x,y [X(x) \ \& \ X(y) \rightarrow \neg y <_p x]]$$

Em prosa, todo predicado  $X$  que está contido no universo de predicados do modelo  $U_p$  é quantizado se e somente se para todos os indivíduos  $x$  e  $y$ , se o predicado se aplica a  $x$  e a  $y$ , então não é o caso que  $y$  é uma subparte própria de  $x$ . Como exemplo de um predicado quantizado, podemos tomar a sentença “Joana comeu duas laranjas”, pois não é qualquer parte desse evento que pode ser descrito por ‘comer duas laranjas’, isto é, se Joana comeu somente uma laranja, que é uma subparte legítima do evento, essa situação não pode ser reportada por “Joana comeu duas laranjas”. Predicados quantizados, portanto, apresentam algum tipo de quantificação, seja ela uma estrutura de determinação ou uma marca de cardinalidade, e é isso que leva o evento a ser lido como tético. Sabendo,

então, o que se entende por telicidade, na próxima seção buscaremos observar o comportamento de ‘para’ e ‘até’ no licenciamento dessa propriedade, considerando as noções de transição, limite, cumulatividade e quantização.

### 3. INVESTIGANDO O PAPEL DAS PREPOSIÇÕES ‘PARA’ E ‘ATÉ’ NA CONSTRUÇÃO DE TELICIDADE

Nesta seção, investigaremos o papel das preposições ‘para’ e ‘até’ na construção de telicidade no português brasileiro, em composição com VPs classificados tradicionalmente como atélidos e dinâmicos. Ou seja, restringimos a análise aos eventos de atividade e semelfactivos. Tendo isso em vista, com as sentenças abaixo retomamos o problema discutido neste trabalho; consideraremos neste momento apenas os verbos ‘correr’ e ‘pular’ porque representam verbos de movimento, e as preposições espaciais complementam naturalmente essa classe.

(29) a. Joana correu.

b. Joana correu para o trabalho.

c. Joana correu até o trabalho.

(30) a. Pedro pulou.

b. Pedro pulou para a sala.

c. Pedro pulou até a sala.

Segundo Nam (2004) e Filip (2004), qualquer preposição de alvo em combinação a um evento atélido gera uma leitura télica para o evento. No entanto, essa generalização não parece poder ser sustentada pelos dados do PB, afinal, em (29b) e (30b) não é uma tarefa simples afirmar se estamos diante de um evento télico ou não. Conforme observamos na seção 1, ‘para’ não apresenta a propriedade de transição e tampouco indica um limite para o movimento, logo, não seria esperado que dela se derivasse telicidade, uma vez que não há nada em sua estrutura que possa ser associado homomorficamente ao ponto final do evento. Da preposição ‘até’, pelo contrário, poderíamos esperar o mapeamento de telicidade, pois essa preposição é limitada e exige o alcance de uma meta. Para decidir, então, se estamos diante de eventos télicos ou não, podemos empregar os testes discutidos na seção anterior, iniciando a investigação pela composição das sentenças com ‘em x tempo’, que deve medir o tempo transcorrido até o alcance do *telos* em eventos télicos ou, então, apenas permitir a leitura incoativa, que expressa o tempo anterior ao início do evento para eventos atélidos (cf. Basso & Bergamini-Perez, 2017).

(31) a. Joana correu para o trabalho em 10 minutos.

b. Pedro pulou para a sala em 10 minutos.

(32) a. Joana correu até o trabalho em 10 minutos.

b. Pedro pulou até a sala em 10 minutos.

Se a hipótese de Nam (2004) e Filip (2004) está correta, as sentenças em (31) e (32) deveriam veicular a ideia de que ‘em 10 minutos’ “Joana chegou no trabalho” e “Pedro chegou na sala”, pois essa seria a interpretação télica desses eventos, associada a uma meta. Essa leitura é facilmente obtida em (32) com a

preposição ‘até’, pois entendemos que após dez minutos a FIGURA chegou no alvo desempenhando o evento dado pelo verbo, ou seja, ‘em 10 minutos’ “Joana chega no trabalho correndo” e “Pedro chega na sala pulando”. A diferença entre os eventos é que em (32a) temos um *accomplishment* e em (32b) um *achievement*, é por isso que ‘em x tempo’ nesse caso resulta em uma interpretação de “atraso” do evento, conforme sugere Kearns (2007).

Para as sentenças com ‘para’, interpretamos que ‘depois de dez minutos’ “Joana correu para o trabalho” e “Pedro pulou para a sala”, ou seja, há uma interpretação incoativa, esperada para eventos atéticos. Nessa leitura, o adjunto não garante que o evento tenha alcançado um fim, e mede apenas o tempo transcorrido até o seu início. É interessante notar que essa é a única leitura disponível para (31b), mas em (31a) é possível alcançar uma interpretação télica, baseada na estrutura quantizada do DP que complementa a preposição, nesse caso, ‘o trabalho’ seria entendido como uma medida específica a ser percorrida. Como o teste do adjunto ‘em x tempo’ se mostrou inconclusivo, podemos manipular o teste do progressivo para checar a telicidade de ‘para’, que deve gerar o paradoxo do imperfectivo caso o evento em questão seja télico.

- (33) a. Pedro estava nadando para o barco  $\models$  Pedro nadou para o barco.  
 b. Pedro estava nadando até o barco  $\not\models$  Pedro nadou até o barco.  
 (34) a. Ana estava pulando para a sala  $\models$  Ana pulou para a sala.  
 b. Ana estava pulando até a sala  $\not\models$  Ana pulou até a sala.

Nas sentenças acima, é possível notar que ‘até’ em combinação com um evento atético gera o paradoxo, em oposição a ‘para’, que sempre verifica a relação de acarretamento. Se “Pedro estava nadando para o barco” então em qualquer subintervalo desse evento o que ele fez foi ‘nadar para o barco’, tendo em vista que ‘o barco’ é uma orientação a ser seguida durante o movimento. O mesmo acarretamento é observado em (34a), pois se “Ana estava pulando para a sala”, então em qualquer subintervalo do evento o que Ana fez foi pular para (‘em direção a’) sala. Com ‘até’ os acarretamentos não seguem, pois essa preposição, por ser limitada, exige que a FIGURA mude de espaço ao final do movimento para exatamente um ponto no FUNDO. Desse modo, se “Pedro estava nadando até o barco”, então não é qualquer subintervalo desse evento que pode ser descrito como ‘nadar até o barco’, seria necessário que ele atingisse o alvo para essa estrutura ser verdadeira e o progressivo suspende justamente esse alcance do ponto final determinado. Os resultados obtidos com esses testes são resumidos no quadro abaixo.

	‘em x tempo’		progressivo	
	para	até	para	até
<b>Atividade</b>	ambíguo	télico	atético	télico
<b>Semelfactivo</b>	atético	télico	atético	télico

Quadro 1: testes de telicidade na composição de VPs atéticos com ‘para’ e ‘até’

Fonte: elaborado pela autora

O que observamos até o momento, então, é que ‘até’ *necessariamente* gera eventos télicos com verbos de movimento, ao passo que ‘para’ gera uma interpretação preferencial atélica, conforme a leitura incoativa com ‘em x tempo’ demonstrou, bem como o teste do progressivo. No entanto, com eventos de atividade, ‘para’ permite também uma interpretação atélica, sobretudo se há uma meta associada ao DP-alvo. Nesse caso, interpretaríamos o PP como sendo transicional, dado que o alvo seria alcançado, ou seja, é essa propriedade que parece ser fundamental na construção de telicidade em PB e não o fato de a preposição ser orientada para o ponto final da trajetória. Pensando nisso, é interessante testar se em contextos não espaciais ‘para’ e ‘até’ garantem telicidade para a sentença do mesmo modo, para tanto, tomemos as sentenças abaixo.

- (35) a. Pedro dormiu para descansar.  
b. Pedro dormiu até o despertador tocar.  
(36) a. Ana bateu na porta para chamar o Pedro.  
b. Ana bateu na porta até o Pedro atender.

Nos exemplos em (35) e (36), temos dois eventos que não indicam deslocamento no espaço, por conta disso, devemos notar que os efeitos de interpretação do PP são um tanto distintos, a começar pelo fato de que o complemento da preposição não é um DP, mas sim um novo evento. Em (35a), ‘para descansar’ é uma meta relacionada à atividade de ‘dormir’, porém, o VP principal não recebe telicidade do PP, posto que o progressivo acarreta a versão perfectiva da sentença: “Pedro estava dormindo pra descansar → Pedro dormiu para descansar”<sup>5</sup>. No exemplo (35b), a preposição ‘até’ não é associada a uma meta a ser cumprida, mas insere um evento de referência para a finalização do evento principal, ou seja, quando o despertador toca “Pedro para de dormir/acorda”; nesse caso, “Pedro estava dormindo até o despertador tocar” também acarreta “Pedro dormiu até o despertador tocar”. Os eventos apresentados, portanto, são homogêneos, logo, não há transição de nenhum domínio para outro.

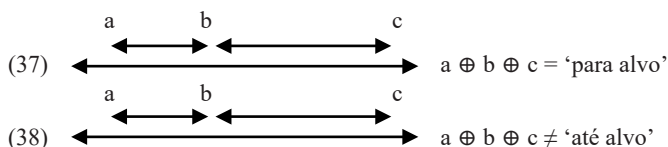
Em (36), temos sentenças com um evento semelfactivo e o padrão parece se repetir: se “Ana estava batendo na porta para chamar o Pedro”, então “Ana bateu na porta para chamar o Pedro”. O acarretamento com “Ana estava batendo na porta até o Pedro atender” é um tanto mais intrincado, pois supostamente “Ana bateu na porta”, mas não necessariamente ela bateu na porta “até o Pedro atender”, poderíamos, então, estar diante de um evento atélico nesse caso. De todo modo, como ‘para’ insere uma meta para a situação e ‘até’ impõe um ponto final para o evento, a propriedade de transição não parece interferir no cálculo de telicidade em situações não espaciais, note-se que em (35) temos uma mudança de estado muito clara. Podemos, então, investigar se as propriedades de cumulatividade e

---

<sup>5</sup> Nesse caso, como temos dois eventos na sentença, o teste com ‘em x tempo’ não é o mais adequado para verificarmos telicidade, dado que o adjunto pode incidir sobre o evento principal ou sobre o evento de referência, além do que interação do PP com esse sintagma de medida é, em si, um tópico bastante complicado que extrapola os limites deste artigo.

quantização podem ser associadas ao comportamento das preposições ‘para’ e ‘até’.

Podemos tratar disso pensando em sentenças como (33) e (34) apresentadas acima (“Ana nadou para/até o barco” e “Ana pulou para/até a sala”). Nesses casos, cumulatividade parece ser uma propriedade importante, pois a soma de duas ocorrências de ‘nadar para o barco’ continua na extensão de ‘nadar para o barco’, já a soma de duas ocorrências de ‘nadar/pular até o barco/a sala’ tem como resultado ‘nadar/pular até o barco/a sala duas vezes’. Ou seja, o ‘para’, por ser uma preposição sem transição, parece ter referência cumulativa, já o ‘até’, por se tratar de uma preposição transicional limitada, parece ter referência não-cumulativa. É importante observar que tanto ‘nadar’ quanto ‘pular’ são predicados cumulativos, logo, é de fato a preposição que está trazendo a informação de telicidade para o evento associada à cumulatividade. Podemos representar essa ideia do seguinte modo:



Se um indivíduo percorre uma trajetória de um ponto  $a$  a um ponto  $b$  e continua o trajeto do ponto  $b$  ao ponto  $c$ , considerando que este é o alvo do movimento, então a soma mereológica de  $(a \oplus b)$  e de  $(b \oplus c)$  continua na denotação de ‘para alvo’, pois essa preposição indica uma aproximação em relação ao ponto final da trajetória. O mesmo não ocorre com ‘até’, pois se esse mesmo trajeto é percorrido, não podemos dizer que  $(a \oplus b)$  está sob a denotação de ‘até alvo’, uma vez que a soma não inclui o ponto final da trajetória. Além disso, se considerarmos que  $(a \oplus b)$  representa um caminho ‘até DP’ e  $(b \oplus c)$  também, então a soma dessas trajetórias equivaleria a dois trajetos ‘até DP’ e não a uma única estrutura.

A propriedade da cumulatividade parece assim ser interessante para explicarmos o comportamento de ‘para’ e ‘até’ na construção de telicidade, porém, conforme dissemos anteriormente, em contextos não espaciais, ‘até’ não parece gerar eventos télicos *necessariamente*, como ocorre com os verbos de movimento. Nesse caso, em sentenças como “Pedro riu até cansar”, podemos apenas dizer que o ‘até’ impõe um ponto de encerramento para o evento, mas não associa esse ponto a um limite definido sem o qual o evento não pode ser caracterizado enquanto tal. Ou seja, quando um PP não-cumulativo encabeçado por ‘até’ entra na composição juntamente com um evento de atividade ou semelfactivo, sem deslocamento no espaço, o ‘até’ indica que o evento reportado cessou no tempo e não é mais o caso, porém, não relaciona esse fim à telicidade. Caso as noções de transição, limite e não-cumulatividade de ‘até’ mapeassem sempre eventos télicos, deveríamos esperar uma leitura télica também de VPs como ‘tossir até cansar’, ‘piscar até doer os olhos’ e assim por diante. Como esse não é o caso, a hipótese de Nam (2004)

e Filip (2004) não pode ser sustentada. Por que então alguns eventos com ‘para’ e ‘até’ são descritos como tólicos?

Conforme discutimos, ‘para’ é uma preposição de referência cumulativa, ao passo que ‘até’ não. Isso poderia nos levar à generalização de que ‘para’ sempre mapeia eventos atólicos e ‘até’ eventos tólicos, no entanto, os dados analisados demonstraram que ‘para’ pode também derivar uma estrutura tólica, como em (39), e ‘até’ uma estrutura atólica, sobretudo quando combinada a um evento semelfactivo, como em (40), que tem referência cumulativa, pois a soma de duas ocorrências de ‘tossir’ continua na extensão do predicado ‘tossir’. Em (41), apresentamos uma sentença que tem apenas uma leitura atólica com ‘para’, nesse caso, note-se que o DP que satura a preposição é cumulativo, pois a soma de dois elementos descritos como ‘costa’ continua sob a mesma denotação desse nome, isto é, se Ana ‘nadou para a costa’ de A a B e então de B a C, todo esse trajeto é ‘nadar para a costa’. Nesse caso, um DP cumulativo somado à preposição cumulativa gera uma leitura atólica para o evento.

- (39) Joana foi para o mercado. [(a)tólico]  
(40) Pedro tossiu até tomar o remédio. [atólico]  
(41) Ana nadou para a costa. [atólico]

A propriedade da cumulatividade é relevante para a construção de telicidade, pois eventos cumulativos, em geral, mapeiam eventos atólicos. Porém, cumulatividade não é suficiente para explicar, por exemplo, o surgimento de uma leitura tólica para sentenças como (39). Nesse caso, o VP e a preposição têm referência cumulativa, mas o DP que satura a preposição é quantizado, talvez por isso a sentença seja ambígua entre uma leitura tólica e outra atólica. Por outro lado, não basta que um elemento da sentença seja quantizado para mapear telicidade, pois caso essa hipótese estivesse correta, não esperaríamos uma leitura atólica para (40) “Pedro tossiu até tomar o remédio”. Tendo isso em vista, propomos que o que ocorre com ‘para’ e ‘até’ é um comportamento semelhante, por um lado, aos itens massivos, *degree achievements* e adjetivos de escala aberta e, por outro, aos itens contáveis, *accomplishments* e adjetivos de escala fechada.

Em outras palavras, ‘para’ na maioria dos casos resulta em um evento atólico, por ser cumulativo, assim como os itens massivos, porém, em um determinado contexto no qual é esperado que a FIGURA atinja o alvo ao final do movimento, a leitura tólica surge por implicatura, baseada na máxima de modo, afinal, não há nada na sintaxe e na semântica dessa preposição que possa ser associada a um ponto limite definido para o evento como um todo. Prova de que estamos diante de uma implicatura seria justamente a possibilidade de cancelar o alvo ou o *telos* do evento, sem gerar uma contradição (cf. Seção 1).

- (42) Ana foi para o trabalho, mas voltou para casa no meio do caminho.  
(43) Pedro nadou para a costa, mas cansou e não chegou na praia.

O ‘para’, portanto, pode gerar uma leitura tólica para o evento apenas se está contextualmente determinado que há um limite relevante para o fim do movimento.

A ideia é que ‘até’, por ser uma preposição limitada, poderia ser naturalmente associada ao *telos* de um dado evento, desse modo, se um falante utiliza outra preposição para obter a mesma leitura, considerando a evidência contextual, o interlocutor interpreta que o enunciado fornecido não é tão informativo ou claro quanto deveria ser, uma vez que há um item mais específico na língua para dar conta dessa informação.

Desse modo, dado que formas mais marcadas são utilizadas para situações marcadas e que o ouvinte considera o falante cooperativo, quando ‘para’ é utilizado para marcar telicidade, entende-se que há um resíduo na informação, o que leva o ouvinte a implicar que a sentença proferida pelo falante deve conter mais informação do que a contribuição normal dos itens que a compõem. Assim, o interlocutor interpreta que ‘para’ fornece uma informação extra para a estrutura e deriva disso a leitura télica. É interessante observar que em contextos não espaciais que fazem referência a eventos atélicos ‘para’ não gera uma leitura télica:

(44) O jogador foi para o Liverpool (em dois anos). [atélico]

(45) Ana olhou para a janela (em dois minutos). [atélico]

A única leitura que surge da combinação do adjunto ‘em x tempo’ com os eventos de transferência ‘ir para DP’ e de atividade ‘olhar para DP’ mede o tempo transcorrido até o evento ser iniciado, ou seja, o adjunto não consegue medir o tempo até o ponto final determinado desses eventos porque esse ponto não é especificado nem ao menos contextualmente. Como consequência, a única interpretação disponível é a de que demorou ‘dois anos’ para o jogador ser transferido para o Liverpool e ‘dois minutos’ para Ana olhar para a janela. Isso demonstra que há apenas um contexto muito específico que permite que ‘para’ mapeie uma leitura télica tomando como base um evento atélico, notadamente, ‘para’ pode ser interpretada como uma preposição télica apenas quando combinada a uma atividade de movimento espacial e isso ocorre porque é possível implicar a existência de um ponto limite máximo na estrutura do PP.

A preposição ‘até’, por sua vez, também gera uma leitura télica em eventos de atividade que denotam um movimento espacial, a questão que a diferencia de ‘para’ diz respeito ao fato de que ‘até’ *necessariamente* mapeia eventos atélicos nesse contexto, enquanto que ‘para’ pode ter uma leitura ambígua. Em usos não espaciais de ‘até’, essa preposição não necessariamente oferece a informação de telicidade para o evento; nesse caso, o elemento que persiste é a propriedade de limite [bound], que acaba sendo associada ao encerramento temporal do evento. Para compreendermos a persistência de [bound] nesses contextos, tomemos as seguintes sentenças:

(46) Joana riu até doer a barriga.

(47) Até a Maria veio pra festa.

(48) Pedro contou até o que não queria.

O exemplo (46) traz um evento semelfactivo, ‘rir’, sobre o qual o ‘até’ opera impondo um encerramento para as repetições desse evento. Ou seja, o limite nesse



caso é associado ao fim das diversas ocorrências de ‘rir’, mas não é relacionado a um fim intrínseco determinado sem o qual o evento não poderia ser caracterizado enquanto tal. Além disso, o PP encabeçado por ‘até’ nessa sentença pode ser lido como um intensificador, ou seja, o limite [bound] aí opera em um grau máximo. Em (47) e (48), aparentemente, essa noção opera em um grau mínimo de uma escala contextualmente determinada, pois em (47) entendemos que de todas as pessoas que foram convidadas para a festa, era menos provável que Maria viesse, e, se ‘até a Maria veio’, então todos os outros convidados também compareceram. Em (48), ‘até’ também tem escopo sobre o elemento mínimo do conjunto relevante, pois se havia coisas que Pedro gostaria de contar e coisas que Pedro não gostaria de contar, com ‘até’ entendemos que os casos menos prováveis aconteceram, logo, o mais provável também deve ter sido o caso.

Com a discussão, portanto, podemos afirmar que as preposições de alvo não geram sempre eventos télicos, o que contraria a hipótese de Nam (2004) e Filip (2004). A preposição ‘para’ tem referência cumulativa e, por isso, em geral mapeia eventos atélicos, porém, em um contexto bem específico, de movimento em direção ao alvo, é possível obter uma leitura télica por implicatura. Conforme os testes do adjunto ‘em x tempo’ e do progressivo mostraram, ‘para’ é uma preposição tipicamente atélica. Se houvesse algum elemento na estrutura da preposição que fosse capaz de oferecer telicidade ao evento, esperaríamos encontrar outros contextos télicos com essa preposição; no entanto, demonstramos que esse não é o caso. A explicação para a leitura télica de sentenças como “Ana foi para a escola em 10 minutos” fica, assim, restrita a questões contextuais, pois ‘para’, por ser uma preposição não-transicional aproximativa, não indica um limite final que possa ser associado ao *telos* do evento. Portanto, embora ‘para’ seja uma preposição de alvo, sua álgebra não comporta a noção de telicidade, mas sim a de escalaridade, que garante que o movimento é apenas orientado para o ponto final da trajetória.

A preposição ‘até’, por ter referência não-cumulativa, gera estruturas atélicas, sobretudo com os eventos de movimento como ‘correr’ e ‘pular’. Essa preposição, conforme os testes demonstram, garante uma leitura télica para esses eventos quando combinada ao adjunto ‘em x tempo’ e gera o paradoxo do imperfeito quando a sentença é veiculada no progressivo. Com os eventos de atividade e semelfactivos sem deslocamento espacial, a situação é distinta, pois ‘até’ não parece transformar essas estruturas necessariamente em algo como um *accomplishment*. O resultado da combinação nessa situação é, em geral, um evento atélico. Isso, no entanto, não significa que ‘até’ não tenha algum outro efeito sobre atividades como ‘dormir’ e semelfactivos como ‘tossir’, pois, conforme discutimos com os exemplos (40) e (46), ‘até’ pode estabelecer o encerramento do evento. Ou seja, a combinação ‘atividade/semelfactivo não espacial + até’ gera um evento encerrado no tempo, o que não está associado à noção de telicidade, pois a denotação desses eventos é cumulativa.

A possibilidade de ‘até’ impor um limite, um ponto final, para um dado evento pode ser explicada pela estrutura semântica dessa preposição, que, por ser terminativa, carrega um traço de limite. No domínio espacial, esse núcleo garante a transição da FIGURA para um único ponto do FUNDO, então, quando

a preposição integra um evento de deslocamento, entendemos que há um mapeamento homomórfico entre a estrutura da trajetória e a estrutura do evento, que faz com que esse ponto final extremo da trajetória veicule também o alcance do *telos* do evento. Quando temos um contexto não espacial, ou seja, que não envolve deslocamento em uma trajetória, não temos homomorfismo, é por esse motivo que ‘até’ não gera sempre predicados télicos. Por conta disso, defendemos que a noção de limite [bound] não equivale sozinha à telicidade, é preciso considerar uma série de fatores estruturais e contextuais para obtermos uma leitura télica de um evento. Essa noção de limite, no entanto, é extremamente relevante para compreendermos o funcionamento de ‘até’ em outros contextos: quando combinada a um semelfactivo, a preposição garante que o evento foi encerrado e, em outros casos, opera sobre os graus mínimo e máximo de uma escala contextualmente relevante, gerando uma implicatura escalar. Assim, encerramos esta breve análise das preposições ‘para’ e ‘até’ na construção de telicidade em PB e, na sequência, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, investigamos o papel das preposições ‘para’ e ‘até’ na construção de telicidade em português brasileiro. Partindo da hipótese de Nam (2004) e Filip (2004), buscamos observar se de fato qualquer preposição de alvo seria capaz de gerar um evento télico. Para tanto, discutimos primeiramente as características distintivas entre ‘para’ e ‘até’, com base nos trabalhos de Pantcheva (2011) e Ferreira e Basso (2019), e demonstramos que ‘para’ não acarreta o alcance do alvo, ao passo que ‘até’ exige que a FIGURA atinja o FUNDO ao final do movimento. Com base nas propriedades de transição de delimitação, sugerimos que ‘para’ é uma preposição aproximativa, ao passo que ‘até’ é uma preposição terminativa.

Na sequência, tratamos das noções de telicidade e das propriedades que a caracterizam, tendo como foco os testes utilizados na literatura para a detecção dessa propriedade e os conceitos de cumulatividade e quantização que a definem. Na análise, exploramos as ideias delineadas anteriormente e demonstramos que a hipótese de Nam (2004) e Filip (2004) não pode ser sustentada pelos dados do PB, pois são diversos fatores que estão envolvidos na construção de um evento télico. A propriedade da cumulatividade mostrou-se relevante, mas não suficiente, pois ‘para’ pode derivar uma leitura télica de um evento de atividade por implicatura. Além disso, assumimos que a noção de limite que caracteriza ‘até’ não pode ser tomada naturalmente como o *telos* do evento, pois encontramos contextos em que ‘até’ é combinado a um evento atélico e não resulta em uma leitura télica. A construção de telicidade com ‘até’ parece, assim, depender de um mapeamento homomórfico entre a estrutura do VP e do PP. Certamente, o texto levantou uma série de questões que devem ser melhor investigadas futuramente, por meio de testes que averiguem a aceitabilidade das sentenças, como a interação de ‘para’ e ‘até’ em contextos não espaciais, e a persistência da noção de limite, que não pode ser associada à telicidade. Neste trabalho, apenas promovemos uma primeira

discussão sobre o tema e esperamos, com isso, ter contribuído com a descrição do PB e com as discussões sobre telicidade e o domínio proposicional.

---

## REFERÊNCIAS

- BASSO, R. M. Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- BASSO, R. M. Uma proposta para a semântica dos adjuntos' em X tempo' e 'por X tempo'. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 55, n. 1, 2011.
- BASSO, R. M.; BERGAMINI-PEREZ, J. F. A semântica de vetores: uma proposta de análise para os adjuntos temporais. *Revista Letras*, v. 96, 2017.
- COMRIE, B. *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. 1976.
- FERREIRA, T. L.; BASSO, R. M. Preposições de ALVO no português brasileiro: uma comparação entre 'para' e 'até'. *Revista Linguística*, v. 15, n. 3, p. 43-68. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n3a27505>
- FILIP, H. Prefixes and the delimitation of events. *Journal of Slavic Linguistics*, v. 11, n. 1, p. 55–101, 2004.
- GEHRKE, B. Ps in Motion: On the Semantics and Syntax of P Elements and Motion Events. PhD Thesis, Utrecht University. LOT Dissertation Series 184, 2008.
- ILARI, R. et. al. A preposição. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-310.
- JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- JACKENDOFF, R. *Meaning and the Lexicon: The Parallel Architecture 1975-2010*. Oxford University Press, 2010.
- KEARNS, K. Telic senses of deadjectival verbs. *Lingua*, v. 117, p. 26-66, 2007.
- KRIFKA, M. The Origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, p.197-235, 1998.
- NAM, S. Goal and source: Asymmetry in their syntax and semantics. Workshop on Event Structures in Linguistic Form and Interpretation, Leipzig/Ms. Seoul National University, 2011.
- PANTCHEVA, M. *Decomposing path: The nanosyntax of directional expressions*. (Tese – Doutorado em Linguística), Universidade de Tromsø, 2011.
- RAMCHAND, G. The event domain. In: D'Alessandro et al. (Eds.) *The Verbal Domain*, p. 233–254. Oxford: Oxford University Press.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.

- VERKUYL, H. J. *Aspectual Composition: Surveying the Ingredients*. Utrecht Institute of Linguistics OTS. P. 201-2019. 2003.
- WINTER, Y. Closure and Telicity across Categories. In: M. Gibson & J. Howell (Eds.), *Proceedings of SALT XVI*, p. 329-346, Ithaca, NY: Cornell University, 2006.
- ZWARTS, J. Prepositional Aspect and the Algebra of Paths. *Linguistics and Philosophy*, v. 28, n. 6, p. 739-779, 2005.

Recebido: 10/3/2020  
Aceito: 5/8/2020  
Publicado: 17/8/2020